

# MIND THE MIND THE MIND THE CULTURE CULTURE CULTURE



*Adeus a Berlim* é uma coletânea de seis pequenas histórias, publicadas em 1939, que, quando lidas em conjunto, pintam um rico retrato da Alemanha, nos anos antecedentes à queda da República de Weimar e à ascensão da força Nazi, ao poder. Isherwood, que viveu em Berlim entre 1929 e 1933 (após ter abandonado o curso de Medicina, em Londres), alicerçou-se nas suas próprias memórias para construir estas histórias, envernizando-as, assim, com um realismo notável. De facto, o autor escreve numa linha muito fina, entre a ficção e a autobiografia, dando o seu nome à personagem principal e transformando-a no fio condutor entre as diferentes narrativas. No entanto, tal como Isherwood avisa:

**“Because I have given my own name to the ‘I’ of this narrative, readers are certainly not entitled to assume that its pages are purely autobiographical, or that its characters are libellously exact portraits, of living persons. ‘Christopher Isherwood’ is a convenient ventriloquist’s dummy, nothing more”**

O “Isherwood” que narra a história é um observador caracteristicamente passivo, a sua presença sempre reforçada como sendo a de um espectador impotente, face aos eventos que vivencia.

**“I am a camera with its shutter open, quite passive, recording, not thinking.”**

Este afastamento do seu homónimo fictício, que difere do seu eu real, precisamente, na extrema passividade, oferece-nos uma visão quase que não adulterada das características de personalidade e vivências das restantes personagens, contribuindo assim para a objetividade relativa da narrativa.

O autor transporta-nos para uma sociedade povoada pelos boémios, pelos pobres e pelos trabalhadores, salientando os pontos em que as suas realidades se interseccionam com aquelas dos ricos e poderosos. Os diferentes estratos da sociedade são dissecados, um após o outro e ilustrados com maestria, através de intrincados diálogos. As personagens lutam pela compreensão mútua, dificultada pelas diferenças culturais e barreiras linguísticas existentes entre elas, conversando de forma por vezes desconexa, misturando inglês e alemão, de forma mais ou menos pretensiosa. Muitas vezes, a compreensão das frases germânicas é deixada na mão dos leitores, que, só pela pesquisa ou conhecimento da língua, conseguem decifrar comentários específicos dos nativos.

As seis histórias que compõem *Adeus a Berlim* constituem também um diálogo desconexo com o leitor, que, com cada uma, vai juntando mais peças ao grande retrato da obra e mergulhando mais profundamente na psique das personagens e nos diferentes mecanismos que gerem as suas vidas.

Na primeira, *Um Diário de Berlim*, Isherwood narra as suas vivências, numa casa comunal, povoada por coloridas personagens: a senhoria, Fräulein Schroeder e inquilinos, como Fräulein Kost, uma prostituta e o *barman* Bobby.

Na segunda secção, e talvez a mais conhecida de todas, por ser a (ténue) inspiração do musical *Cabaret*, é-nos apresentada Sally Bowles, uma jovem de 19 anos com o sonho de ser artista e grandes aspirações sociais, mas que nada mais é do que uma socialite, falsa e com pouco talento como cantora.

# MIND THE MIND THE MIND THE MIND THE CULTURE CULTURE CULTURE

Alternadamente apaixonante e enfurecedora, Sally consegue sempre arranjar forma de se relacionar com as pessoas erradas e envolver-se, bem como a todos que a rodeiam, nas mais complexas situações.

*On Ruegen Island* utiliza uma relação homossexual entre Otto e Peter, casal com quem Isherwood partilha uma casa de férias, para abordar a vivência pessoal do autor, enquanto homossexual, em Berlim. Esta incerta relação, em parte terapia, em parte parceria e ininterruptamente afetada por ciúme, intrigas e conflitos de interesse acaba por afastar a atenção de tudo aquilo que se desenrola em plano de fundo. Assim, insidiosamente, a presença Nazi vai-se tornando mais evidente e reforçada, personificando-se num vizinho médico, com afiliações ao partido e que, gradual, mas insistentemente, se tenta aproximar do casal, bem como nas inúmeras bandeiras, com suásticas, que são erguidas, um pouco por todo o lado.

*The Nowaks* introduz Isherwood no seio familiar de Otto, tendo o narrador de partilhar a minúscula habitação com a sua numerosa família, enquanto lida com as idiossincrasias dos seus membros. Otto é frenético e irritante, a sua família encontra-se em diferentes estádios de frustração e complacência e o irmão de Otto é representado como o único membro responsável, o verdadeiro cuidador, embora membro ativo do partido Nazi.

*The Lauenders* transporta o narrador para o extremo oposto do espectro social, incluindo Isherwood no seio de uma família judia rica. O contraste entre a pobreza de personalidade da filha Natalia e do primo Bernhard com a sua riqueza monetária é amplamente explorado. Os primos vivem absortos do real perigo em que se encontram, dada a rápida ascensão dos Nazi, até que estes provocam uma tragédia imensurável nas suas vidas.

A secção final, um último *Diário de Berlim* é uma reflexão melancólica e uma mutação perturbada do primeiro. Aqui é palpável o crescente sentimento de pânico e desespero que acompanha o incremento dos ataques violentos dos Nazi. As personagens que nos foram apresentadas perdem-se em espirais de violência, morte e desolação e Isherwood abandona, definitivamente, a cidade.

O facto de esta obra ter sido escrita antes do início da Segunda Guerra Mundial, torna-a num interessante estudo de caso sobre as condições e a mentalidade vigente, durante este período histórico. É-nos descrita uma sociedade minada pela pobreza (em muito resultado das medidas ditadas pelo Tratado de Versalhes), com uma profunda divisão entre os mais e os menos favorecidos. É evidente o desprezo e ressentimento pelos judeus e a subestimação da força dos Nazi. A normalização dos comportamentos destes últimos, gradualmente mais violentos e extremistas, é um tema recorrente, na narrativa e não muito difícil de transladar para outras situações, mais atuais. Alguns dos comportamentos descritos podem parecer absurdos, por vezes, mas, no fundo, as pessoas de “Adeus a Berlim” são como as demais; pessoas normais com desejos normais, não diferentes de qualquer um de nós e é essa conclusão que torna esta obra tão desconcertante. Agora, mais do que nunca, são muito pertinentes algumas das questões que ela levanta e, ainda mais, o olhar crítico que ela nos desafia a desenvolver, sobre as mesmas.

**O que faríamos, nas nossas vidas quotidianas, se a nossa realidade se tornasse gradualmente pior e mais restritiva?**

Por: Rui Miranda, Contracapa